

JULGAMENTO MENOR

Não olvides que, antes do Julgamento Maior, que vergasta o corpo das civilizações, alterando, muita vez, a golpes de sangue e lágrimas, o destino das nações e dos povos, usufruímos todos, pela Misericórdia Divina, o privilégio do Julgamento Menor, a cujas decisões nos expomos todos os dias.

Referimo-nos ao renascimento na vida física, com a prerrogativa de recapitular e reprender.

Aí dentro, nos círculos da reencarnação, encontramo-nos, de novo, à frente da lição, no reajuste dos próprios erros.

Nosso berço, no Plano Físico, por isso mesmo, na maioria das circunstâncias, surge no campo de nossos adversários, para que venhamos a reencontrar nos elos consangüíneos os nossos credores do pretérito para a quitação das dívidas que nos ensombram a consciência.

Nessa fase de trabalho, a Terra, com o corpo que nos detém, toma a feição de tribunal, em cujas celas somos provisoriamente detidos para criar atenuantes às nossas culpas, quando não possamos extingui-las de todo, a preço de abnegação e sacrifício.

Nossos desafetos assumem as funções da promotoria que nos reprova e nossos benfeiteiros se elevam à condição de nossos advogados, encaminhando-nos ao resgate e à recuperação clara e justa.

O serviço incessante no bem, no entanto, é a única força capaz de modificar

o ânimo de nossos acusadores e de fortalecer as disposições daqueles que nos defendem.

Eis porque, no Julgamento Menor a que nos submetemos, quando na posição de encarnados, convém lembrar a preciosidade do tempo, por fator de socorro às nossas próprias necessidades, mobilizando-o, integralmente, na plantaçāo do amor e da luz, para que as nossas obras falem por nós, ante a Justiça Divina, alijando-nos, enfim, as algemas que trazemos do passado para a libertação de amanhā.